

JORNALISMO E FICÇÃO

Cláudia Lemos *

ABSTRACT:

Study of journalism as a type of nonfiction narrative, examining house organs and two short stories by Sérgio Sant'Anna.

KEY-WORDS: *Narrative; Journalism; House Organ; Sérgio Sant'Anna.*

"Então fabricamos acontecimentos e histórias para podermos narrá-los, uns aos outros, convencendo-nos reciprocamente de que existimos."

(SANT'ANNA, 1989:67)

Todo repórter sabe: fazer jornalismo é contar histórias. Relatar fatos de um modo que convença o leitor do interesse e da realidade daquele acontecimento e lhe ofereça uma explicação satisfatória sobre seu desenrolar. Na intuição dos jornalistas, essa seria uma atividade natural:

Bota tudo no papel como se estivesse escrevendo uma carta para alguém, contando uma história. (Mino Carta em HENNING, 1996:7)

No fundo, reportagem é apenas a técnica de contar boas histórias. Todos sabem contar histórias. (Clóvis Rossi em DIMENSTEIN, KOTSCHO, 1990:10)

Entretanto, contar casos não é tão simples assim. Ao transformar um acontecimento em história, a narrativa opera uma diferenciação daquele fato no contínuo do tempo e atribui a ele um significado. Isso quer dizer que contar histórias é organizar a experiência, localizando ocorrências naturais e ações humanas na compreensão de mundo de indivíduos e sociedades, papel desempenhado tanto pela ficção quanto pelas narrativas não ficcionais.

* Mestre em Teoria da Literatura, 1997.

No ensaio sobre "A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica", escrito entre 1935 e 1936, Walter Benjamin imaginou uma situação em que cada leitor, sendo perito em algum campo de trabalho crescentemente especializado, estaria credenciado a contar sua história, a transformar em texto sua experiência de mundo. "O mundo do trabalho toma a palavra", antecipou Benjamin (1986:184). Com isso, os trabalhadores estariam participando da construção da grade de atribuição de sentidos em seu meio social. Neste final de século, a profecia de Benjamin se realiza por vias tortas. A vida no mundo especializado dos trabalhadores é o tema principal de um grande número de publicações periódicas produzidas e distribuídas dentro das empresas, para os empregados. A Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJE) estimou que 10 mil jornais empresariais sejam editados regularmente no Brasil, com base em resultados parciais de um levantamento iniciado em 1993. Em relação à visão de Benjamin, entretanto, existe uma diferença fundamental – o trabalhador é o tema da publicação, personagem e público desejado, mas não seu autor. Os textos normalmente são escritos por profissionais de jornalismo, dentro das convenções da narrativa jornalística.

I. Entre a ficção e a realidade

Desde as primeiras décadas do século XX, pesquisadores da imprensa apontaram, na narrativa jornalística, características semelhantes àquelas do romance realista. Robert Park, sociólogo americano, tratava o jornalismo de 1920 como uma forma de narrativa popular (TRAQUINA, 1993:258). Tom Wolfe, ao descrever os procedimentos utilizados pelo *New Journalism*, nos anos 60, para aproximar a narrativa da realidade, reconhece o retorno à linguagem do romance do século XVIII, abandonada pelos escritores contemporâneos (RESENDE, 1995:47-49). A linguagem simplificada, a construção detalhista do relato, com registro completo dos diálogos, gestos e padrão de vida das personagens, e a utilização do ponto

de vista em terceira pessoa seriam as características desse romance incorporadas pelo jornalismo. Em formato condensado, como na imprensa cotidiana contemporânea, ou de forma desenvolvida, como no New Journalism, a técnica realista corresponderia às características principais da notícia e da reportagem.

A simplicidade dos relatos e a rapidez de sua leitura facilitam uma espécie de mapeamento do mundo, que é informado ou enformado nas breves notícias, transformadas em referências. Para Adriano Duarte Rodrigues, professor de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, o tratamento dado pelo jornalismo aos acontecimentos pode ser descrito como parte de um processo de enquadramento, que passa a cumprir o mesmo papel exercido pela adivinhação nas sociedades primitivas:

A esta prosa do presente confia o homem moderno a função remitificadora de uma perspectiva unitária, securizante perante a desintegração da identidade colectiva e de uma ordem identitária que lhe devolva uma imagem coerente de destino. (TRAQUINA, 1988:3)

Também na escala circunscrita das empresas é possível perceber hoje o recurso aos meios de comunicação e suas fórmulas para organizar os acontecimentos e dar-lhes sentidos. O efeito buscado por essas publicações é a integração, orientada por um objetivo utilitário. Nas palavras do editor responsável pelo *Jornal da Açominas*, José Eustáquio Oliveira de Souza, em depoimento à autora: "Num certo sentido, você desaliena as pessoas. Isso porque elas têm que ter uma visão do todo para compreender os processos cada vez mais complexos."

A disputa pela agenda no espaço da instituição também se apresenta com clareza. Desde o século XIX, os sindicatos são os primeiros a recorrer aos *media* como estratégia para indicar abordagens e temas adequados à realidade de uma empresa. Os administradores, impulsionados pela necessidade de posicionar-se diante das pressões da organização dos trabalhadores e pela urgência de alterações na produção, não podem se furtar à disputa pela definição da agenda no espaço da instituição. Os dois jornais pesquisados para esta dissertação colocam para si de forma muito clara o objetivo de disseminadores de conceitos, como mostra o depoimento do editor do *Agir*, Último de Campos:

Pensamos nele como um Jornal Nacional, integrando a empresa. Acho que muita gente descobriu a empresa através do jornal. Quando você está na obra, acha que a empresa é aquilo lá. Não sabe que planta tomate, está na África, faz outras coisas. Com a circulação de informações antes não divulgadas, o Agir ajudou a criar um clima favorável, diminuindo os boatos. Eu procurei fazer um texto objetivo, imparcial, que desse credibilidade ao veículo. Isso atendeu a modernização da empresa, que colocou o público interno como prioridade.

Ainda que esses objetivos forcem um certo didatismo em várias matérias, o principal formato adotado é a notícia, narração objetiva dos fatos. Os conceitos funcionam como o fio que costura os relatos e aparece apenas em alguns momentos, nos títulos e em declarações. O efeito de real descrito por Barthes também comparece. Os jornais de empresa seguem a recomendação de apresentar os números mais exatos possíveis, ainda que desnecessários para a estrutura da narrativa. Por serem um excesso, eles ganham valor como sinalizadores da concretude do fato e da exatidão do relato (BARTHES, 1988:158-165). Como exemplo, transcrevemos trecho de notícia do *Jornal da Açominas*, n.47:

Além do sempre oportuno espírito de confraternização, a Festa de Natal da Divisão de Reparos de Manutenção da Redução - ORMR sorteou 38 grandes prêmios (...) A organização, que começou em junho, foi impecável e durante três horas a festa foi animada pela Banda de Música de Ouro Branco, pelo Conjunto de Samba e Pagode e por alguns empregados da ORMR que deram uma 'cancha'. (p.4)

Se cotejarmos a descrição desses mecanismos e as indicações do papel exercido pelas narrativas no ambiente da empresa com a explicação de Umberto Eco para a atração que a ficção realista exerce, veremos como os dois tipos de narrativa se aproximam pela forma e função:

E assim, é fácil entender por que a ficção nos fascina tanto. Ela nos proporciona a oportunidade de utilizar infinitamente nossas faculdades para perceber o mundo e reconstituir o passado. (...) é por meio da ficção que nós, adultos, exercitamos nossa capacidade de estruturar nossa experiência passada e presente. (ECO, 1994:132)

No conto "Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)", publicado em 1973, Sérgio Sant'Anna desmonta a construção jornalística dos fatos de modo instigante, mostrando sua proximidade com a ficção. A história reproduz

anotações de um jornalista sobre Kramer, político emergente que o repórter acompanha e entrevista, na tentativa de compreendê-lo. O formato de anotações escolhido para o conto permite intercalar trechos compostos dentro do padrão da objetividade jornalística, prontos para publicação, com outros em que o repórter expõe suas dúvidas e ansiedades, revelando uma hesitação que habitualmente não aparece na notícia. Ao mostrar a dúvida, Sant'Anna expõe a exigência de conclusões e certezas imposta à narrativa realista. Em lugar de se ausentar do texto ou se apresentar como a personagem platinada e sem fissuras que enfeita as reportagens de televisão, o repórter do conto aparece com textura humana. Hesita, desconfia de sua percepção, erra, de uma forma que elimina a esquizofrenia apontada por Barthes (1988:152) no discurso objetivo, capaz apenas de asseverar e afirmar, nunca de negar, já que a negação exige a presença de um sujeito:

Eu leio estas notas contraditórias e fragmentárias e elas me parecem mais ficcionais do que o esboço de um romance (que talvez eu venha a escrever). Como se o personagem Kramer tivesse brotado artificialmente de minhas mãos. Uma espécie de massa informe de que posso dispor como quiser. E sinto-me impotente diante do homem real, Kramer. O homem dentro de si mesmo, sentindo suas próprias sensações. E não o homem analisado e resumido do 'exterior'. Começo a entender que tudo aquilo que se escreve ou fala, mesmo de fatos ou pessoas reais, sempre se torna mítico, escorregadio e arbitrário. É impossível abranger toda a complexidade do homem. (SANT'ANNA, 1991:205)

2. O narrador e o monstro

Em *O monstro*, publicado em 1994, Sérgio Sant'Anna retoma sua reflexão sobre a linguagem dos *media* e seus reflexos na compreensão da realidade. O monstro do livro é um professor universitário que concede duas entrevistas, explicando como e porque participou do assassinato de uma jovem cega. O tema e o formato da história são extraídos do jornalismo. Trata-se do que se chama, em jargão, de pingue-pongue, uma entrevista de perguntas e repostas, na qual a

intervenção do jornalista se resume à introdução e às questões, deixando o maior espaço ao entrevistado, que assume diretamente a fala, em função do interesse do depoimento. No caso do conto, a personagem do professor Antenor Lott Marçal é quem narra o crime que ele mesmo cometeu, conferindo ao relato garantia de veracidade.

A linguagem é em geral objetiva. Os verbos escolhidos para organizá-la são típicos do campo do jornalismo: Antenor conta, explica, revela. O texto inclui ainda inúmeros detalhes próprios do efeito de real buscado pela narrativa jornalística, como os nomes próprios completos, as datas exatas e locais precisos, a idade do entrevistado.

A apresentação da entrevista ressalta sua intenção esclarecedora, diferenciando-a da abordagem sensacionalista adotada por outros veículos, na época do crime, da confissão do culpado e do julgamento. Na revista *Flagrante*, ao contrário, o objetivo é "(...) contribuir para uma reflexão sobre os mecanismos existenciais e psicológicos que estão presentes na prática de crimes hediondos como este, para os quais não pode ser encontrada nenhuma explicação de origem econômica e social." (SANT'ANNA, 1994:40)

No entanto, o conto contrapõe, a essa pretensão, declarações do entrevistado que problematizam a relação entre realidade e ficção, incluindo o papel do jornalismo e dos meios de comunicação na formação da visão de mundo dos indivíduos. "É necessária muita cautela para se chegar a alguma verdade quando se trata de atos humanos", adverte Antenor, ecoando a reflexão já empreendida por Sérgio Sant'Anna vinte anos antes, em "Notas de Manfredo Rangel". Assim, o narrador-personagem Antenor cumpre o papel de colocar em evidência os limites humanos da percepção e do registro da realidade, além do papel da mídia em sua conformação:

Durante os dias eu ficava sozinho e a história de Frederica se transformava ao sabor do que se publicava nos jornais (...)

É curioso o poder da palavra impressa. Eu mesmo tentei colocar em dúvida, intimamente, algumas coisas. Por exemplo, se Frederica não teria buscado conosco uma aventura amorosa. E se a sua morte não teria ocorrido por uma fatalidade. (SANT'ANNA, 1994:71 e 74)

O que se revela é o efeito poderoso de aproximação com o leitor

obtido pelos formatos tidos e apregoados como objetivos, em especial o jornalístico. Mas aqui é preciso considerar também a diferença entre os relatos de ficção e o jornalismo. Costa Lima chama a atenção para o perigo de, ao se questionar a cientificidade e objetividade, reduzir-se a história ao ficcional. A ressalva levantada pode ser aplicada ao jornalismo: "a escrita da história tem por correlato decisivo a obediência ao requisito da verdade" (COSTA LIMA, 1995:266).

A diferença entre os discursos em geral e aqueles que se pretendem informativos está na exigência de que o enunciante se afirme veraz ou verdadeiro (GOMES, 1993a:25). Aí a verdade é entendida como objetividade, sinônimo de fidelidade ao objeto retratado, respeito ao fato. Nesse caso, e ao contrário da literatura ou ficção, não bastaria à narrativa ser verossímil. Se bem que a verossimilhança seja suficiente para garantir legibilidade ao texto, apenas a subordinação à verdade lhe ofereceria legitimidade.

Entretanto, a própria maneira como é constituído o discurso contribui para desestabilizá-lo. O repórter ou redator escreve a partir de falas/textos que colhe dos envolvidos no fato e que, apesar de sua pretensão, não consegue domesticar completamente. Ainda que procure combinar as citações e informações de entrevistas de forma que elas se casem perfeitamente, dentro do tom dado pela organização que ele, redator, escolhe, esses textos mantêm algum grau de diferença entre si e em relação ao conjunto. Permanecem outros textos, formando um mosaico. Sempre sobrevive alguma falha, alguma falta que faz o leitor se perguntar se aquela história que está ali contada é a verdade, ou toda a verdade.

3. Com a palavra o trabalhador?

Como lembra Luís Alberto Santos a respeito da literatura de Sérgio Sant'Anna, a produção da imagem de um objeto na narrativa envolve olhares distintos, com interesses divergentes ligados a relações de poder. Na construção

objetiva, a voz do narrador toma o lugar de outras vozes, sobrepondo-se a elas por meio da encenação de distanciamento e neutralidade. O movimento é suplementado quando a narração busca incorporar o leitor a esse exercício, utilizando a primeira pessoa, como se narrador e leitor fizessem, em conjunto, essa construção. No caso do jornal de empresa, o leitor é também personagem e, por isso, a cooptação é mais complexa. O narrador dá a palavra ao trabalhador personagem, simulando ser o próprio trabalhador a usá-la, mas é um profissional distanciado que mantém essa palavra sob controle: "fica patente que, se a narrativa tem, por um lado, o poder de dar voz a quem não a possui, por outro, esse poder corre o risco de tornar-se uma encenação enganosa, na qual uma voz usurpa o lugar de outras vozes, como se as representasse." (SANTOS, 1992:112)

Benjamin sustenta que, pela técnica, o cinema amplia o espaço restrito do cotidiano, apresentando ao espectador ângulos, detalhes e contextos invisíveis a olho nu, da distância sem recuo do dia-a-dia. Por isso, ver-se reproduzido nas narrativas do cinema é, para Benjamin (1986:184-189), uma aspiração legítima do trabalhador, que por meio da representação reconhece o próprio ser.

Penso que a imprensa ocupa lugar semelhante. O jornal da empresa, voz do patrão, precisa recorrer a mecanismos sofisticados para ser ouvido pelo trabalhador e acaba cumprindo também esse papel de ampliar os ângulos de percepção possíveis. A técnica narrativa utilizada pelo jornalismo dá e simula dar a palavra ao trabalhador. Neste texto, procuramos compreender como ela opera, inspirados pela afirmação de Barthes de que só a escritura, ao assumir seu estatuto de palavra concreta, que não apenas retrata mas participa da realidade, pode abolir a má fé de uma linguagem que se ignora. É um trabalho a continuar.

RESUMO:

Reflexão sobre o jornalismo como um tipo de narrativa de não ficção, a partir de dois contos de Sérgio Sant'Anna e de exemplos de jornais de empresa.

PALAVRAS CHAVE: *Narrativa; Jornalismo; Jornal de Empresa; Sérgio Sant'Anna.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGIR. Belo Horizonte: Andrade Gutierrez, n.1-37, dez. 1991 - fev. 1995.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. *Pragmática do Jornalismo*. Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.
- COSTA LIMA, Luiz. *Vida e mimesis*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DIMENSTEIN, Gilberto, KOTSCHO, Ricardo. *A aventura da reportagem*. São Paulo: Summus, 1990.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GOMES, Wilson. Fato e interesse: o fato jornalístico como problema. *Textos de Comunicação e Cultura*, Salvador, v.2, n.26 p.24-32, 1993.
- HENNING, Hermano. *Via Satélite*. São Paulo: Globo, 1996.
- JORNAL DA AÇOMINAS. Ouro Branco: Açominas, n.47-49, nov. 1994 - mar. 1995.
- LEMOS, Cláudia Regina Fonseca. *Histórias sobre o trabalho*. A narrativa, da literatura aos jornais de empresa. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1997. (Dissertação de Mestrado.)

- LUDUVIG, Monica Martinez. *Transformações do jornalismo empresarial da década de 80 aos nossos dias*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 1994. (Dissertação de Mestrado.)
- RESENDE, Fernando Antônio. *O devenir dos discursos: o ficcional e o factual no Novo Jornalismo de Tom Wolfe*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1995 (Dissertação de Mestrado.)
- RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. Paris: Éditions du Seuil, 1983. Tome I: L'intrigue et le récit historique.
- SANT'ANNA, Sérgio. *A senhorita Simpson*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SANT'ANNA, Sérgio. *Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p.175-206: Notas de Manfredo Rangel, repórter (a respeito de Kramer).
- SANT'ANNA, Sérgio. *O monstro*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.37-80: O monstro.
- SANTOS, Luís Alberto Ferreira Brandão. *Um olho de vidro. A narrativa de Sérgio Sant'Anna*. Belo Horizonte: Fale/ UFMG, 1992. (Dissertação de Mestrado.)
- TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.